



O PENSAR EM ÁFRICA: o ensino de uma disciplina como guia ofertada a neófitos em filosofia africana.

Julvan Moreira de Oliveira¹

Professor do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF.

Jussara Alves da Silva²

Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF

Kelly de Lima Farias³

Mestranda Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Resumo: Este trabalho visa refletir sobre uma experiência do ensino de filosofia africana a partir de uma disciplina ofertada num curso de pós-graduação em educação de uma universidade no interior do estado de Minas Gerais, cursada por discentes que particularmente não tiveram acesso aos pensadores africanos em sua formação superior e básica. Nesse sentido, a disciplina ofereceu uma introdução às principais vertentes do pensamento africano contemporâneo e a percepção de duas discentes sobre a contribuição desta para as suas práticas docentes e pesquisas. Observou-se a contribuição dos conteúdos divididos em três momentos, a afrocentricidade, a filosofia do ubuntu e da

¹ Professor do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da UFJF; Doutor e Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP); Especialista em Ciências Sociais (Antropologia, Sociologia e Política) pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP-SP); Licenciado em Filosofia pela Universidade São Francisco (USF-SP); Graduado em Teologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da Arquidiocese de São Paulo; membro do GT-21 da ANPED, compondo o comitê científico na gestão 2018-2019 e vice-coordenador na gestão 2016-2017 (Educação e Relações Étnico-raciais da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação); membro fundador da ABPN, compondo a diretoria na gestão 2002-2004 (Associação Brasileira de Pesquisadores Negros); Diretor de Ações Afirmativas da UFJF; membro e articulista da Red Iberoamericana de Investigación en Imaginarios y Representaciones; líder do ANIME (Grupo de Estudos e Pesquisas em Africanidades, Imaginário e Educação).

² Doutoranda, Mestra em Educação, Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e Educação para as Relações Étnico-raciais e Graduada em Pedagogia pela UFJF. / <https://orcid.org/0000-0001-5728-2051>

³ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Experiência na área de Educação, graduada do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Atuante na área da docência como educadora na Rede Estadual e Municipal de Ensino de Juiz de Fora no seguimento da Educação Básica.



sagacidade, contribuindo na prática docente e embasando as referências teóricas das discentes em suas pesquisas.

Palavras-Chave: Africanidades; Afrocentricidade; Ubuntu; Filosofia da Sagacidade; Ensino de Filosofia.

THE THINKING IN AFRICA: the teaching of a subject as a guide offered to neophytes in African philosophy.

Abstract: This paper aims to reflect on an experience of teaching African philosophy from a subject offered in a postgraduate course in education at a university in the interior of the state of Minas Gerais, attended by students who particularly did not have access to African thinkers in their higher and basic education. In this sense, the course offered an introduction to the main strands of contemporary African thought and the perception of two students about its contribution to their teaching practices and research. It was observed the contribution of the contents divided into three moments, Afrocentricity, the philosophy of ubuntu and sagacity, contributing to the teaching practice and supporting the theoretical references of the students in their research.

Keywords: Africanities; Afrocentricity; Ubuntu; Philosophy of Sagacity; Philosophy Teaching.

EL PENSAMIENTO EN ÁFRICA: la enseñanza de una materia como guía ofrecida a los neófitos en la filosofía africana.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre una experiencia de enseñanza de la filosofía africana a partir de una asignatura ofrecida en un posgrado en educación en una universidad del interior del estado de Minas Gerais, al que asistieron estudiantes que particularmente no tuvieron acceso a pensadores africanos en sus estudios superiores. y educación básica. En este sentido, el curso ofreció una introducción a las principales corrientes del pensamiento africano contemporáneo y la percepción de dos estudiantes sobre su contribución a sus prácticas docentes e investigativas. e observó el aporte de los contenidos divididos en tres momentos, el afrocentrismo, la filosofía de ubuntu y la sagacidad, contribuyendo a la práctica docente y sustentando los referentes teóricos de los estudiantes en sus investigaciones.

Palabras-clave: Africanidades; Afrocentricidad; Ubuntu; Filosofía de la Sagacidad; Enseñanza de la Filosofía.

LA PENSÉE EN AFRIQUE: l'enseignement d'une matière comme guide proposé aux néophytes en philosophie africaine.

Résumé: Cet article vise à réfléchir sur une expérience d'enseignement de la philosophie africaine a partir d'une matière proposée dans un cours de troisième cycle en éducation dans une université de l'intérieur de l'État de Minas Gerais, fréquenté par des étudiants



qui n'avaient particulièrement pas accès aux penseurs africains dans leurs études supérieures. et l'éducation de base. En ce sens, le cours a proposé une introduction aux grands courants de la pensée africaine contemporaine et à la perception de deux étudiants sur son apport à leurs pratiques pédagogiques et de recherche. On a observé l'apport des contenus divisés en trois moments, l'Afrocentricité, la philosophie d'ubuntu et la sagacité, contribuant à la pratique pédagogique et soutenant les références théoriques des étudiants dans leurs recherches.

Mots-clés: Africanités; Afrocentricité; Ubuntu; Philosophie de la Sagacité; Enseignement de la philosophie.

INTRODUÇÃO

Este trabalho centra-se numa experiência do ensino de filosofia africana num programa de pós-graduação em educação de uma universidade pública localizada em Minas Gerais e a percepção de duas discentes sobre a contribuição desta para as suas pesquisas.

Com o crescimento de mestrandos e doutorandos com pesquisas sobre as africanidades, culturas afro-brasileiras, história do negro, considera-se fundamental que as referências teóricas que fundamentem tais estudos tenham um olhar à partir de África e não nas epistemologias e ontologias ocidentais.

Como aponta Fábio Leite (2003, p. 10):

(...) existem duas maneiras principais de abordar as realidades africanas. Uma delas, que pode ser chamada de periférica, vai de fora para dentro e chega ao que chamo de África-Objeto, que não se explica adequadamente. A outra, que propõe uma visão interna, vai de dentro para fora dos fenômenos e revela a África-Sujeito, a África da identidade profunda, originária, mal conhecida, portadora de propostas fundadas em valores absolutamente diferenciais.

Nessa perspectiva, de contribuir para os estudos sobre cultura afro-brasileira em geral, levantou-se inicialmente que os pesquisadores e as pesquisadoras não tiveram acesso na graduação à filosofia desenvolvida em África, assim como na educação básica. Nesse sentido, optou-se por uma visão geral ou ampla das principais vertentes da filosofia africana e afrodiaspórica.

As abordagens foram centralizadas na Afrocentricidade, tendo como referências

Asante (2009; 2023), Diop (1974) e Du bois (2021), na Filosofia do Ubuntu, à partir de Ramose (2010) e Malomalo (2020; 2022), e na Filosofia da Sagacidade em Oruka (2002) e Castiano (2010).

Com essas perspectivas teóricas foi possível refletir sobre a crítica à Etnofilosofia de Tempels e seus seguidores Mbiti (2001) e Kagame (1975), desenvolvida por Hontoundji (2008), Wiredu (2010), Towa (2015) e Appiah (1997), como também estabelecer um diálogo com algumas questões, como a Política, em Fanon (2006; 2008), Ngoenha (2011; 2014) e Mbembe (2018a; 2018b; 2019; 2021) e gênero, em Oyèwùmí (2021), Amadiume (1987) e Somé (2007).

O percurso desenvolvido teve como objetivo contribuir para uma visão geral do pensamento africano em Filosofia e possibilitar que os discentes pudessem desenvolver uma fundamentação teórica para as suas pesquisas.

Durante a travessia por esta disciplina, inquietações surgiram por parte dos discentes. Que saberes são necessários para o desenvolvimento de uma pesquisa sobre as culturas africanas? Essas inquietações levaram a turma a pensar nos seus percursos e algumas questões passaram a subsidiar o processo de escrita desses pesquisadores e pesquisadoras, e as percepções de duas discentes, que identificaremos por Sophie Bóș èdè Olúwólé¹ e Aminata Diaw-Cissé², neste processo de conhecimento da filosofia africana e da contribuição dessas para as suas pesquisas será abordada, também, nesse trabalho.

Considerou-se importante abordar sobre a afrocentricidade, por ser um pensamento paradigmático contemporâneo geralmente associado à análise, crítica e projeção da agência africana transgeracional e transcontinental. Molefi Kete Asante é um

¹ Sophie Bóș èdè Olúwólé, Filósofa nigeriana, nasceu em Igará -Oke, Estado de Ondo, em 1935. A educação primária foi realizada na 'St. Paul's Anglican Primary School'. Iniciou os estudos primários em 1951 na 'Anglican Girl Modern School' na cidade de Ile-Ife, em 1953 mudou-se para Ilesha, frequentando a 'Women Training College', formando-se como docente. Formou-se em Filosofia no ano de 1970, doutorando-se em 1984. Faleceu no dia 23 de dezembro de 2018, na cidade de Ibafo, estado de Ogun, Nigéria.

² Aminata Diaw-Cissé, Filósofa senegalesa, nasceu em Saint-Louis, em 1959, onde fez a educação básica. Formou-se em Filosofia na Universidade de Nice, em 1979, obtendo o Mestrado em 1981 e o Doutorado em 1985. Faleceu no dia 14 de abril de 2017, na cidade de Dakar, Senegal.



dos principais pensadores dessa vertente, marcando a afrocentricidade como uma ideia intelectual africana que alargou o conceito de negritude.

Asante, assim como os demais pensadores da afrocentricidade, procurou reposicionar os discursos culturais sobre os fenômenos africanos, retirando-os da marginalidade. Assim, a ideia foi avançar na noção de que todos os fenômenos, incluindo a comunicação, a literatura, a arte e as relações sociais e econômicas que envolvem os povos africanos, devem rejeitar a ideia dos africanos como vítimas ou objetos e procurar colocá-los como sujeitos, ou melhor, posicionar África no centro.

Em seguida, abordou-se a filosofia do Ubuntu, compreendendo que esta proporciona aos africanos um sentido de auto-identidade, auto-respeito e realização. O Ubuntu permite aos africanos lidar com os seus problemas de uma forma positiva, aproveitando a valores humanísticos que herdaram e perpetuaram ao longo da sua história. Estes podem assim contribuir com estes valores para o resto da humanidade através de sua aplicação consciente.

O Umuntu é uma filosofia de vida africana que que orienta o pensamento e as ações dos africanos e que deve, portanto, ser encontrada nas suas vidas, nas experiências históricas e não em abstrações filosóficas que têm muito pouco significado na vida real.

Por fim, estudou-se a filosofia da sagacidade, em que os sábios africanos tradicionais são identificados e o diálogo é realizado com eles oralmente.

A filosofia da sagacidade foi cunhada pelo filósofo queniano Odera Oruka, como o pensamento ou filosofia tradicional africana. A filosofia da sagacidade procura articular os pensamentos, ideias e pontos de vista de sábios das comunidades tradicionais africanas, pessoas conhecidas pela sua sabedoria excepcional, apresentando os seus pensamentos como autêntica filosofia africana.

POR UMA EDUCAÇÃO AFROCENTRADA

A afrocentricidade foi a primeira vertente a ser abordada, por ser um quadro de referência onde os fenômenos são visto da perspectiva da pessoa africana. Aqui, os temas a serem estudados são colocados na perspectiva ou na centralidade de África. Asante enfatiza que a afrocentricidade não é uma versão negra da eurocentricidade, que se baseia



nas noções supremacistas com propósitos de proteger os privilégios e vantagens dos brancos na educação, na economia, na política etc.

Para Asante, a ideia afrocêntrica é a mais revolucionária, pois desafia um sistema educacional que privilegia a supremacia ocidental, questionando esta imposição branca como universal e/ou clássica, demonstrando a indefensabilidade das teorias racistas que atacam o multiculturalismo e pluralismo, e defendendo um ponto de vista humanista e pluralista.

A origem da filosofia afrocêntrica não pode ser estabelecida com certeza. O pensamento pan-africanista é identificado em Marcus Garvey, descendente de escravizados que defendeu o retorno dos negros americanos ao continente africano. A Afrocentricidade como filosofia ganhou impulso no Movimento dos Direitos Civis nos EUA e popularizado por Asante durante a década de 1980, quando desenvolveu os fundamentos metodológicos para um currículo afrocentrado baseado em uma perspectiva africana.

A abordagem afrocentrada propõe que os negros, em África e na diáspora, devem olhar para o conhecimento numa perspectiva africana. Sugere que se analisem os temas em questão a partir de um ponto de vista africano. Quando os africanos se consideram centrais em sua própria história, eles se veem como agentes, atores e participantes, e não como objetos, marginais e na periferia do poder político ou econômico.

A ideia afrocêntrica refere-se essencialmente à proposta epistemológica do lugar. Tendo sido os africanos deslocados em termos culturais, psicológicos, econômicos e históricos, é importante que qualquer avaliação de suas condições em qualquer país seja feita com base em uma localização centrada na África e sua diáspora. Começamos com a visão de que a afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos (ASANTE, 2009, p. 93).

No Brasil, Abdias Nascimento foi um dos pensadores afrocentrados, afirmando que “nasce a necessidade urgente para o negro de defender sua sobrevivência e assegurar sua existência de ser” (2009, p. 202). A sua ênfase na religiosidade e espiritualidade africana, seja no caso iorubá ou dos povos Bantu, juntamente com as tradições musicais



e coreográficas, a literatura, a arte e a cultura, assim como para as formas tradicionais da vida comunitária, presente nas comunidades quilombolas, seria expressão dessa perspectiva afrocêntrica (NASCIMENTO, 2019).

Sobre a afrocentricidade, Bóş èdé Olúwólé diz que:

Enriqueceu minha pesquisa e práxicas docente, ampliando meu entendimento sobre as inclinações pessoais relacionadas ao continente africano como uma busca pela minha ancestralidade. Esta perspectiva legitima e centraliza as experiências, histórias e culturas africanas nos meus planejamentos enquanto formadora em relações étnico-raciais. A cada dia, minha abordagem pedagógica e meus referenciais teóricos adquirem uma perspectiva mais afrocentrada, transformação que atribuo à disciplina de filosofia africana, que dinamizou conceitos antes ausentes em minha trajetória acadêmica.

Em uma reflexão semelhante, Diaw-Cissé diz que a afrocentricidade a ajudaram

a

compreender os africanos como agentes atuando sobre sua própria imagem, que é, por exemplo, uma resposta a maneira estereotipada que nos foi transmitida a história dos povos africanos. É também um conceito que pode ser direcionado à realidade brasileira, pois permite as crianças se reconhecerem com centro de suas histórias, ou seja, permite que elas saiam de uma condição de inferioridade, de objeto a ser dominado, para posicionar-se como agente de transformação. No entanto, podemos indagar: Mas, de que forma as crianças poderão se posicionar tendo em vista a perspectiva da afrocentricidade? Ressalto que não há uma fórmula pronta, mas há possibilidades para se trabalhar com esse conceito. Uma dessas possibilidades seria de o aluno se reconhecer dentro de um espaço, no caso, a escola, que valorize suas características, sua história, suas subjetividades, seus conhecimentos. Não obstante, até na academia, é urgente que se valorize as experiências do povo negro, rompendo assim, com os pensamentos e perspectivas educacionais ainda colonizadoras. Um espaço que enxerga as potencialidades do sujeito negro sem o viés da discriminação é um espaço acolhedor e profícuo.

O pensamento e as culturas africanas, vistas com alguma rejeição por nossas elites brancas e/ou embranquecidas, fruto do evolucionismo social e do racismo, dificultam a compreensão da afrocentricidade, pois ela não significa necessariamente sectarismo ou preconceito cultural. Na verdade, todo o sistema de valores que fundamenta o pensamento dominante no Brasil é simplesmente à partir da perspectiva eurocêntrica. Se considerarmos esse fato em sua devida atenção, a perspectiva afrocêntrica é uma atitude



legítima de afirmação da diferença, simbólica e material dos negros que lutam para sobreviverem com dignidade no meio da sociedade racista como a nossa.

O problema fundamental está no euroexclusivismo, isto é, na negação ou supressão de outros centros simbólicos e outras visões de mundo. Nesta perspectiva, Grosfoguel (2016) aponta que as epistemologias fundantes das universidades ocidentalizadas foram produzidas por homens de apenas cinco países: França, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos e Itália:

Como foi possível que os homens desses cinco países alcançaram tal privilégio epistêmico ao ponto de que hoje em dia se considere o seu conhecimento superior ao do resto do mundo?

Como eles conseguiram monopolizar a autoridade do conhecimento do mundo?

Por que o que hoje conhecemos como teoria social, histórica, filosófica, econômica ou crítica se baseia na experiência sócio-histórica e na visão de mundo de homens destes cinco países?

Como é que no século XXI, com tanta diversidade epistêmica existente no mundo, estejamos ancorados em estruturas epistêmicas tão provincianas camufladas de universais? (GROSFOGUEL, 2016, pp. 26-27).

A alteração dessa cartografia é fundamental para a superação do racismo epistêmico, incorporando as categorias de pensamento das cosmovisões dos povos originários da América Latina, Ásia, mas sobretudo, em nosso caso, de África, com objetivo de superar o que Oliveira (2009, p. 1) aponta:

As ideias pedagógicas estudadas no Brasil têm suas raízes na filosofia ocidental. Nessa perspectiva, outros valores civilizatórios, como os africanos, são excluídos da Pedagogia, assim como da Filosofia, da Psicologia, da Física, da Biologia etc. As culturas africanas são consideradas apenas como do campo da Etnografia e, em alguns casos, da Sociologia e da História. Há um desconhecimento sobre a forma de pensar, sobre a visão de mundo, sobre uma educação fundada na cultura mítico-filosófica africana.

Aponta-se para a capacidade de ativar quantas perspectivas forem possíveis ou desejadas, sem ter que negar, preconceituosamente, nenhuma delas, denominado por Renato Noguera (2012) como “pluriversalidade”. A afrocentricidade é assim compreendida, seja na filosofia, na arte, na música, na religião, ou seja, são as várias formas de coexistência e organização socioeconômica.



Diaw-Cissé aponta que:

É desafiador romper com a lógica hegemônica da história e da filosofia, contudo, é notório o quanto se faz necessário repensar o cânone acadêmico que ainda imperam nas instituições de ensino. No entanto, os frutos advindos dessas rupturas e novos caminhos, ainda que tímidos, provoca o esperar de novos tempos em que se promove na formação docente disciplinas que desmistifiquem o etnocentrismo histórico.

E, quando se coloca o pensamento africano no centro, ocorrem mudanças como discorre Bóş èdé Olúwoḷé:

A afrocentricidade em meus estudos e nas práticas formativas que desenvolvo, é uma ferramenta vital para subsidiar as reflexões decoloniais que proponho aos cursistas, pois desafia narrativas eurocêntricas e reconhece o legado afrodiaspórica nas mais diversas áreas do conhecimento. Buscando recontextualizar o currículo docente, e superar as narrativas eurocentradas, resalto nas formações que essas histórias não devem ser vistas como superiores ou universais, trazendo nesses encontros momentos de reconhecimento das riquezas das tradições orais, sistemas filosóficos e culturais africanos, reforçando a complexidade e o valor dos saberes ancestrais.

A afrocentricidade significa a recuperação das raízes africanas que são negadas, censuradas ou discriminadas pela nossa sociedade através de séculos. Ser afrocêntrico significa, neste contexto, resgatar, reconectar, valorizar as tradições culturais, espirituais, artísticas, literárias, filosófica, epistêmica, historiográfica, comunitária, política, organizacional, social, ambiental etc, que são das comunidades negras.

E, romper com a concepção racista, particularmente a que esteve presente na filosofia, particularmente de

Autores como Immanuel Kant (1724-1804), David Hume (1711-1776), Alexis de Tocqueville (1805-1859), Auguste Comte (1798-1857), Montesquieu (1689-1755), Voltaire (1694-1778), Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), que detinham e detêm um *status* privilegiado no pensamento moderno contemporâneo, estavam — “convencidos da inferioridade congênita dos negros” (OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2016, pp. 182-183).



Nesta perspectiva que surgiram muitos movimentos culturais que indicam a afirmação de uma afrocentricidade, em sintonia com a luta pela cidadania e justiça para os negros. Esses movimentos se afirmam com um novo protagonismo.

A POTENCIALIDADE DO UBUNTU

O segundo momento da disciplina privilegiou-se a abordagem sobre a Filosofia do Ubuntu, tendo como referência Mogobe Ramose (2010). Para este autor, a filosofia Ubuntu tem um papel importante na recuperação de uma identidade africana autêntica, que foi sistematicamente suprimida durante o passado colonial.

A filosofia ocidental está permeada de racismo. A definição aristotélica de “homem” como um animal racional, mas que considerava o não-grego como “bárbaro”, irracionais e, portanto, naturalmente destinados à escravidão, foi resignificada no início do período moderno para justificar a escravidão colonial (OLIVEIRA, 2023).

Na ontologia bantu há uma hierarquia de forças insubstanciais e não hipostasiadas, através de quatro categorias: Ha, Ku, Mu e Ki, comunicados por Ntu, como último princípio cósmico permeia os vivos: Ntu não existe por si só em si, mas se manifesta atualizando-se nessas categorias, como apontado por Malomalo (2022, p. 15):

- Ha-Ntu – Princípio que caracteriza o tempo-espço;
- Ku-Ntu – Princípio que caracteriza as modalidades;
- Mu-Ntu – Princípio que caracteriza o gênero humano;
- Ki-Ntu – Princípio que caracteriza as coisas não humanas.

Assim, o termo “Bantu” pode ser entendido através de: *ba-, plural de humano + *-ntu, força, em que Ramose (2011) desenvolve a noção de ser, através do “Ubuntu”, transcendental da filosofia africana.

Ramose ressignifica o Ubuntu, colocando-o numa perspectiva em que “ubu” é apresentado como o ser da entidade ou do “ntu”. A força é a sede do manifestação do ser comum, ou seja, que o ser se dá em Mu, Ki, Ha e Ku, enquanto “ubu” deve ser considerado a partir de uma ordem ontológico, enquanto "ntu" no nível epistemológico, em tal que a unidade Ubuntu determina as condições de inteligibilidade do ser como força. Fica então



evidente o propósito em torno da possibilidade em articular a quadridimensionalidade filosófica do “ser”, contextualizando-o de forma “situada”, de acordo com as condições da possibilidade da linguagem, ao histórico- padrões culturais e de pensamento e suas plurisignificância.

Ubuntu vem do Zulu, articulando-se como ubu- + umuntu, sendo esta última partícula, que designa a pessoa humana. A ligação essencial do umuntu com o “ubu” indica a primazia da relacionalidade do ser com a pessoa humana, ou o que é em si, de “ubu” em sua orientação metafísica ao ser-sendo.

O Ubuntu é frequentemente explicado com o provérbio bantu “*umuntu ngumuntu nga bantu*” (“eu sou porque nós somos” ou “eu só existo porque nós existimos”). Neste sentido, ser humano é afirmar a própria humanidade reconhecendo a humanidade dos outros e, com base nisso, estabelecer relações humanas com as outras pessoas. Ubuntu, então, é o processo pelo qual alguém se torna um ser humano ético, promovendo o equilíbrio cósmico em relações de dependência justas e afetuosas.

A noção de comunidade que se afirma nos modos de vida e no pensamento das sociedades tradicionais africanas é bem distinta do modo de afirmá-la no Ocidente moderno, sobretudo quando pensada por um viés liberal. Enquanto no último, tal noção aparece quase sempre dicotomizada em relação à percepção de individualidade, nas primeiras ocorre um fenômeno inverso: há uma radical contiguidade entre o que seja a comunidade e o que seja o indivíduo-sujeitopessoa: não há pessoas sem comunidade e não há comunidade sem pessoas. Neste contexto, há uma nítida superioridade do lugar da comunidade sobre o indivíduo nos processos de subjetivação. É em função de uma comunidade que alguém é subjetivado. Porém longe de indicar uma imposição da comunidade sobre o indivíduo, afirma-se, de modo radical, um processo de subjetivação colaborativa, onde a conexão solidária entre as pessoas é doadora de sentido para cada uma delas (NASCIMENTO, 2020, p. 41).

Na perspectiva do ubuntu, vivemos num mundo flutuante e permeado de forças vitais. Neste mundo, não há separação entre o sujeito e o objeto, entre corpo e mente, entre razão e emoção, entre pensamento e ação.

E, na filosofia do ubuntu, a comunidade é constituída pelos vivos e os que já não estão vivos, ou melhor pelos espíritos dos ancestrais falecidos, assim como por aqueles que ainda irão nascer.



Bós èdè Olúwoḷé destaca a existência como relacional às demais existências:

Compreender que nossa humanidade é relacional, enriqueceu minha práticas docente decolonial ao promover uma abordagem integral e cooperativa da formação docente. Essa perspectiva valoriza a interdependência, o cooperativismo entre as pessoas e o bem estar de todos, enfatizando a aprendizagem colaborativa e o reconhecimento dos saberes tradicionais. Aprender, vivenciar e ensinar ubuntu, levou-me a questionar as narrativas coloniais, e a tentar sempre criar ambientes educativos e formativos mais inclusivos, que priorizam a empatia, a responsabilidade mútua, conexão profunda e vivências relacionais entre pessoas, natureza e ancestralidade.

Nesse sentido, Diaw-Cissé destaca a importância do ubuntu no reconhecimento da humanidade do outro, de forma que, a partir do reconhecimento desse sujeito é possível se construir relações mais respeitadas, colaborativas, fortalecendo o espírito de comunidade e cooperação:

Em uma comunidade esses ensinamentos são importantes porque desfazem a lógica do individualismo tão presente na nossa sociedade. No cotidiano escolar, a cooperatividade aproxima as crianças do senso de coletividade, logo, o Ubuntuísmo que também falará sobre a importância do coletivo, poderá ser utilizado para reforçar a necessidade de união, respeito mútuo, combate ao racismo e diferentes tipos de discriminação e favorecer as tomadas de decisões a partir de um consenso. É importante destacar, que o sujeito nas sociedades tradicionais africanas está ligado à comunidade, assim, se nessa comunidade ocorrer um evento que prejudique um dos seus pares, os seus iguais também serão prejudicados. Levando essa consideração para o âmbito escolar, entende-se que, ao ocorrer de uma criança negra sofrer discriminação, esse evento será algo que afetará não apenas ela (a criança) individualmente, mas a sua comunidade.

Um indivíduo conhece a si mesmo e o mundo que o circunda através da sua comunidade. O indivíduo é parte de um todo e para alcançar o *status* de pessoa é preciso passar por uma série de ritos em que a personalidade do pensamento africano é, desta forma, adquirida e não meramente estabelecida em virtude do fato de ser humano.

SABERES TRADICIONAIS DA ANCESTRALIDADE

Por fim, a disciplina dedicou-se à Filosofia da Sagacidade, tendo como referência Oruka (2002). Para este autor, a filosofia dos Sábios começou como uma reação a uma

posição que os europeus tinham adotado sobre África, que os africanos não são capazes de filosofar.

Um dos objetivos da filosofia da sagacidade era repudiar crenças dessa natureza e descobrir se havia ou não algo que os africanos pudessem contribuir para a filosofia que fosse autenticamente africano.

Esta vertente filosófica recomenda a identificação de homens e mulheres em comunidades tradicionais africanas conhecidas por sua sabedoria, isto é, aqueles que possuem mais do que mero conhecimento das experiências históricas, crenças e valores fundamentais de suas comunidades.

A filosofia da sagacidade contribui para compreendermos a relevância das vivências cotidianas e a sabedoria dos mais velhos em nossa comunidade, proporcionando uma conexão entre passado e presente que fertiliza o futuro, segundo Bóş èdè Olúwoḷé:

Em meio a um cenário acadêmico que frequentemente marginaliza referenciais não hegemônicos, a sagacidade africana impulsionou-me a resgatar e valorizar as mais variadas fontes de conhecimento. Compartilhar saberes ancestrais ouvindo pessoas mais velhas da comunidade, avôs, avós, mesmo que utilizando recursos audiovisuais como documentários, tem transformado e impactado positivamente o ambiente formativo. Esse movimento contrapõe-se às estruturas coloniais que, predominantemente, elevam o conhecimento ocidental e desqualificam outros saberes.

O levantamento do pensamento dessas pessoas sábias são registradas, particularmente no que se refere a posições críticas em suas situações existenciais, constituindo-se as filosofias desses sábios.

Com isso, a filosofia da sagacidade ajuda a fundamentar ou invalidar a afirmação de que os povos tradicionais africanos eram inocentes no pensamento lógico e crítico.

A Filosofia da Sagacidade vai fazer com que nós educadores, ressignifiquemos nossa maneira de ensinar e questionemos o lugar atribuído àquele que ensina algo, diz Diaw-Cissé:

Cabe considerar, a partir da sagacidade, uma educação em que os professores não são os únicos detentores de saberes, mas os alunos também produzem conhecimento. Isso pode significar uma mudança no exercício do professorar. Da



mesma forma que a filosofia da sagacidade valorizou outras formas de pensamentos, pode assim ser feito em sala de aula, ou na academia, quando se prioriza a potencialidade de uma filosofia que não se restringe a um método formal.

Para Oruka, a alfabetização não precisa ser uma condição para o pensar, isto é, uma necessidade para a reflexão e exposição filosófica. Ele explica que em África havia pensadores independentes que viviam de acordo com o que a razão ditava e capazes de investigação crítica, apesar de não saberem ler nem escrever. Em muitas comunidades tradicionais africanas se encontra esses pensadores originais em suas investigações. E, os seus pensamentos podem ser conhecidos através da escrita realizada pelos filósofos profissionais.

O que é novo na sage philosophy é a sua ênfase na verdade e na crítica contida no saberes tradicionais destes homens e mulheres que não foram à escola e que se podem encontrar espalhados no campo e nas cidades por toda a África e em outras partes do Mundo. Embora a investigação tenha iniciado com Oruka no Quênia, hoje a filosofia oral é tida como uma das fontes principais para uma filosofia africana (CASTIANO, 2010, p. 215).

Há duas maneiras de abordar a sagacidade filosófica. Na primeira, o filósofo profissional pode visitar as áreas rurais e identificar pessoas reconhecidas pela sua sabedoria e conhecimento da cultura africana. Este filósofo profissional entra em diálogo com esses sábios sobre conceitos particulares.

Por exemplo, um filósofo profissional pode envolver-se em um diálogo com tais sábios sobre o conceito iorubá de pessoa, enquanto grava as suas conversas. Dos vários diálogos, vai captando semelhanças essenciais e compila a filosofia do grupo sobre aquele tema. Embora o filósofo profissional não deva impor a sua opinião sobre os entrevistados, ele ou ela pode apontar inconsistências durante as conversas.

Na segunda abordagem, grava-se a filosofia dos sábios, no caso desenvolvido por Odera Oruka e sua equipe, dos sábios quenianos individuais que não foram influenciados pela educação moderna. Oruka objetivava descobrir o pensamento crítico de alguns quenianos nativos, estabelecendo assim que existem africanos nativos capazes de fazer filosofia rigorosa.



Na filosofia da sagacidade, o filósofo profissional auxilia os filósofos sábios a “dar nascimento” às ideias filosóficas já contidas neles. Embora se possa argumentar que o produto é um resultado do esforço conjunto do filósofo sábio e do filósofo profissional, em que os dois filósofos estão colaborando no ato criativo. Isso indica que os sábios africanos das comunidades tradicionais não influenciados pela educação ocidental podem, de fato, filosofar.

Do ponto de vista da sagacidade, é razoável afirmar que a educação, tal como a filosofia, existe desde tempos imemoriais em África e que a ausência da escrita não é uma indicação de ausência de educação e da filosofia.

O desafio então é investigar essas filosofias através do envolvimento de filósofos sábios, identificando os africanos, tanto jovens como idosos, nas comunidades rurais e urbanas, que são repositórios de conhecimento e que engajam criticamente suas experiências. Estes podem ser poetas, fitoterapeutas, curandeiros, mulheres, músicos, historiadores ou sacerdotes dessas comunidades tradicionais africanas.

Castiano (2010, pp. 246-247) aponta a descrição de Sertina sobre os conhecimentos africanos em diferentes áreas:

(...) na comunicação escreve que os africanos dominavam a técnica de, através de tambores, imitar ritmicamente a linguagem humana, de modo a estabelecerem uma comunicação à distância. (...) Na metalurgia (...) há mais ou menos 2000 anos os africanos que viviam nos arredores do Lago Victória na Tanzânia produziam alumínio de carbono; neste artigo ainda se dão exemplos da astronomia avançada no Quênia e Mali, da matemática (o uso dos números) no Congo e entre os Yoruba, da arquitetura e engenharia no grande Zimbábwe. Também se mostram os avanços dos africanos na navegação, na agricultura, na medicina assim como na escrita. (...) a medicina africana não só tem valor acrescentado pelo uso das plantas para a cura, mas sobretudo pela combinação que faz com a psicoterapia e com os conhecimentos variados da anestesia, vacinação e técnicas de cirurgia entre os bunyoro da África oriental (particularmente nas operações que são conhecidas hoje por “cesarianas”). Os bantu tinham há muito tempo a sua própria *aspirina* usando uma planta que contém ácido salícico, um ingrediente activo na conhecida aspirina hoje.

De fato, levantar a filosofia sábia está em consonância com o esforço para aproveitar o pensamento tradicional africano para fazer com que os currículos escolares respondam às necessidades do povo africano.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas percepções de Sophie Bóş èdè Olúwoḷé e de Aminata Diaw-Cissé, a disciplina de Filosofia Africana e Afrodiaspórica, além de auxiliar no pensamento crítico, particularmente com a afrocentricidade, que auxilia na celebração das identidades e heranças afrodiaspóricas e suas contribuições ancestrais, fomentando assim práxicas formativas que reconectam e valorizam os marcadores das africanidades que nos constituem, tem sido essencial para decolonizar e diversificar as formações que desenvolvem em relações étnico-raciais, estimulando abordagens pluriversais e interculturais em educação.

A afrocentricidade emerge como um resultado de pensadores africanos que procuram desafiar a perspectiva eurocêntrica de explicação de como olhar o mundo do seu ponto de vista. Embora seja um antítese do eurocentrismo, o afrocentrismo não exige a substituição, mas a correção das perspectivas eurocêntricas existentes que procuram excluir ou minimizar as contribuições feitas pelos africanos no desenvolvimento do mundo. A afrocentricidade pode, portanto, ser vista como um grito pelo reconhecimento de um ponto de vista africano e o papel e a contribuição dos africanos para a história mundial.

Na mesma linha, a filosofia do ubuntu lhes oferecem perspectivas que valorizam a interconexão, interdependência, o comunitarismo e o cooperativismo. Ao vivenciá-lo junto a outros docentes que participam de atividades formativas, se tem a oportunidade de compartilhar suas escrevivências em ambientes de aprendizagem mais inclusivos, pluriversos e interculturais, rompendo com os paradigmas educacionais excludentes ainda existentes.

O ubuntu desempenha um papel central nas discussões sobre a identidade africana. Também serve como fonte de inspiração para debate nos campos da ética e da política.

A filosofia da sagacidade contribuiu também em suas formações, para que em suas práticas docentes passassem cada vez mais a promover ambientes férteis para o compartilhamento de conhecimentos de lideranças das comunidades tradicionais

afrobrasileiras. A sagacidade possibilitou que valorizassem a riqueza das narrativas ancestrais que são essenciais para compreensão do nosso presente e projetar um futuro mais humano, respeitoso e intercultural.

A sagacidade filosófica parte da suposição de que a capacidade de ler e escrever não é uma condição necessária para a reflexão filosófica. Ela demonstra se encontram mulheres e homens nas diversas comunidades tradicionais africanas que mesmo sendo analfabetos são preenchidos de sabedoria. Eles são pensadores críticos e independentes que supervisionam seus pensamentos e opiniões pelo poder da razão. Para a filosofia da sagacidade, esses sábios são capazes de assumir um problema ou conceito, oferecendo uma explicação filosófica mais ou menos rigorosa.

Não apresentamos assim uma receita de como se trabalhar Filosofia Africana, mas somente uma reflexão sobre uma metodologia adotada para se conhecer tais vertentes, principalmente por parte de pessoas que não tiveram acesso ao pensamento africano em suas trajetórias de vida pessoal e educativa.

REFERÊNCIAS

- AMADIUME, Ifi. **Male Daughters, Female Husbands: Gender and Sex in an African Society**, London: Zed Press, 1987.
- APPIAH, Kwame Anthony. **Na Casa de Meu Pai: a África na Filosofia da Cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ASANTE, Molefi Kete. **A História da África: a busca pela harmonia eterna**. Petrópolis: Vozes, 2023.
- ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade. In: NASCIMENTO, E. L. (org.). **Afrocentricidade**. São Paulo: Selo Negro, 2009, pp. 93-127.
- CASTIANO, José Paulino. **Referenciais da filosofia africana: em busca da intersubjetivação**. Maputo: Ndijra, 2010.
- DIOP, Cheikh Anta. Origem dos antigos egípcios. In: MOKHTAR, Gamal (org.). **História Geral da África: a África Antiga**. São Paulo: Ática; Unesco, 1974, p. 39-70.
- DU BOIS, W.E.B. **As Almas do Povo Negro**. São Paulo: Veneta, 2021.
- FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Juiz de Fora: EdUFJF, 2006.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: UdUFBA, 2008.
- GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. In: **Sociedade & Estado**, vol. 31, nº 1. Brasília: Universidade de Brasília (UnB), janeiro a abril de 2016, pp. 25-49. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6078>>. Acesso em: 11/ago./2022.

HOUNTONDJI, Paulin J. Ethnophilosophie: le mot et la chose. **Exchorexis**: Revue Africaine de Philosophie, n. 7, 2008, p. 1-9.

Kagame, Alexis. A percepção empírica do tempo e concepção da história no pensamento bantu. In: Ricoeur, Paul et al. **As culturas e o tempo**. Estudos reunidos pela Unesco. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Edusp, 1975.

LEITE, Fábio Rubens da Rocha. Prefácio. In: BÃ, Amadou Hampâté. **Amkoullel**, o menino fula. São Paulo: Palas Athena / Casa das Áfricas, 2003, pp. 9-12.

MALOMALO, Bas'Illele. **Filosofia do Ntu**: direitos e deveres no despertar da consciência biocósmica. São Paulo: Polo, 2022.

MALOMALO, Bas'Illele. **Filosofia do Ubuntu**: valores civilizatórios das ações afirmativas para o desenvolvimento. Curitiba: CRV, 2020.

MBEMBE, Achille. **Brutalismo**. São Paulo: N-1 Ed., 2021.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. São Paulo: N-1 Ed., 2018a.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1, 2018b.

MBEMBE, Achille. **Sair da Grande Noite**: ensaio sobre a África descolonizada. Petrópolis: Vozes, 2019.

MBITI, John. O Mal no Pensamento Africano. In: **Revista Portuguesa de Filosofia**, vol. 57, nº 4. 2001, pp. 847-858. Disponível em: <<https://philpapers.org/rec/MBIOMN>>.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira. In: NASCIMENTO, E. L. (org.). **Afrocentricidade**. São Paulo: Selo Negro, 2009, pp. 197-218.

NASCIMENTO, Wanderson Flor. **Entre apostas e heranças**: contornos africanos e afro-brasileiros na educação e no ensino de filosofia no Brasil. Rio de Janeiro: NEFI, 2020. Disponível em: <<https://philarchive.org/archive/NASEAE>>. Acesso em: 12/set./2022.

NGOENHA, Severino Elias. **Filosofia Africana**: das independências às liberdades. Maputo: Paulinas Moçambique, 2014.

NGOENHA, Severino Elias; CASTIANO, José Paulino. **Pensamento Engajado**: ensaios sobre filosofia africana, educação e cultura política. Maputo: Educar, 2011.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a Educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. In: Revista Sul-americana de Filosofia e Educação, nº 18. Brasília: UnB, 2012, pp. 62-73. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4523>>.

OLIVEIRA, Julvan Moreira de. Educação e Africanidades: contribuições do pensamento de Kabengele Munanga. In: **32ª Reunião da Anped** – Sociedade, Cultura e Educação. Caxambu: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, out/2009. Disponível em: <<http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT21-5390--Int.pdf>>. Acesso em: 11/ago./2022.

OLIVEIRA, Julvan Moreira de. Matrizes dos Racismos: o biológico e o epistêmico. In: FONSECA, Dagoberto José (org). **Racismos**, vol. 3 – coleção África, presente! Negritude e Luta Antirracista. São Paulo: Selo Negro, 2023, pp. 14-35.



OLIVEIRA, Julvan Moreira de; NASCIMENTO, Sérgio Luis do. A Construção do Legado: a negação de uma epistemologia filosófica africana. **Revista ABPN**, vol. 8, nº 19. Mar-Jun 2016, p. 177-194. Disponível em: <<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/31>>. Acesso em: 11/ago./2018.

ORUKA, Henry Odera. Four trends in current African philosophy. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, 2002, p. 120-124.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **A Invenção das Mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

RAMOSE, Mogobe. Globalização e Ubuntu. In SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, pp. 175-220.

RAMOSE, Mogobe. Sobre a legitimidade e estudo da filosofia africana. In: **Ensaio Filosóficos**, vol. IV. Outubro 2011, pp. 9-25. Disponível em: <https://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/RAMOSE_MB.pdf>. Acesso em: 11/ago./2023.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. São Paulo: Odysseus, 2007.

TOWA, Marcien. **A Ideia de uma Filosofia Negro-africana**. Belo Horizonte: Nandyala, 2015.

WIREDU, Kwasi. African Religions from a Philosophical Point of View. In: TALIAFERRO, Charles; DRAPER, Paul; QUINN, Philip L. (eds.). **A Companion to Philosophy of Religion**. Second Edition. Malden; Oxford; West Sussex: Blackwell, 2010, p. 34-43.